

A presença na ausência: Paulo Freire e a Mesa-Redonda de Santiago (Chile), 1972¹

The presence in absence: Paulo Freire and the Santiago (Chile) Roundtable, 1972

Carlos Henrique Gomes da Silva²

DOI 10.26512/museologia.v14i27.56518

Resumo

Este artigo explora a influência das ideias de Paulo Freire na Educação Museal, destacando sua relevância para o desenvolvimento social e a Educação Permanente nos museus. A pesquisa aborda três questões centrais: o contexto que motivou os debates sobre museus como agentes de transformação social, as contribuições de Freire para a educação e a museologia, e o impacto de suas ideias na educação museal. Através de levantamento bibliográfico e análise documental, investiga-se como a filosofia de Freire dialoga com os debates da Mesa-Redonda de Santiago (Chile, 1972) e suas implicações para práticas museológicas e políticas públicas. O estudo visa ampliar o entendimento sobre o papel dos museus como espaços formativos, integrando a Pedagogia Museal e valorizando a educação como ferramenta de constituição identitária e cidadã. Esse enfoque é essencial para aprimorar estratégias educacionais em contextos museológicos, reforçando a importância do museu nas dinâmicas sociais, culturais e políticas.

Palavras-chave

Paulo Freire; Mesa-Redonda de Santiago (Chile, 1972); Museu; Museologia; Educação Museal.

Abstract

This article explores the influence of Paulo Freire's ideas on Museum Education, highlighting its relevance for social development and Lifelong Learning in museums. The research addresses three central issues: the context that triggered debates about museums as agents of social transformation, Freire's contributions to education and museology, and the impact of his ideas on museum education. Through bibliographical research and document analysis, it investigates how Freire's philosophy engages with the debates of the Santiago Roundtable (Chile, 1972) and its implications for museological practices and public policies. The study aims to expand the understanding of the role of museums as formative spaces, integrating Museum Pedagogy and valuing education as a tool for identity and citizenship building. This approach is essential for improving educational strategies in museological contexts, reinforcing the museum's importance in social, cultural, and political dynamics.

Keywords

Paulo Freire; Santiago Roundtable (Chile, 1972); Museum; Museology; Museum Education.

1 Artigo resultante de pesquisa desenvolvida como requisito de conclusão do curso de Especialização em Educação Museal (ISERJ/FAETEC/IBRAM), na linha de pesquisa Educação, Museu, Cultura e Memória. Foco na relação Museu e Escola com ênfase na memória social. Orientadora: Profª Drª Sandra Regina Pinto Santos (ISERJ/FAETEC)/(diretorageral@iserj.net). Disponível em: <<https://www.iserj.net/portalachademo/ementas/PROJETO%20CURSO%20POS%20GRADUA%C3%87%C3%83O%20EM%20EDUCA%C3%87%C3%83O%20MUSEAL%20ISERJ.pdf>>. Acesso: set. 2025.

2 Professor I - História (Secretaria Municipal de Educação no Município do Rio de Janeiro - SME/RJ); Doutorado e Mestrado em Museologia e Patrimônio (Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio - UNRIO/MAST); Especialização em Educação Museal (ISERJ/FAETEC/MinC/IBRAM) e Política de Igualdade Racial na Escola (UFRRJ); Bacharelado e Licenciatura em História (UFRJ). Disponível em: <<https://lattes.cnpq.br/9178332795074564>>. Acesso: set. 2025. Contato: carlos.hsilva@rioeduca.net

Introdução

O artigo aborda a relação entre cultura, memória, museu e educação, com foco nas diretrizes discutidas durante a Mesa-Redonda de Santiago (Chile, 1972). O objetivo é analisar a influência das ideias de Paulo Freire (1921-1997), educador brasileiro, sobre o papel social dos museus na América Latina. Na ocasião, Freire, que estava exilado no Chile (1964-1969), foi convidado a participar do evento, mas não pôde comparecer, pois foi impedido pelo delegado do governo brasileiro na Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultural (UNESCO), enviado à cidade de Santiago (Cruz e Souza, 2020: 15).

A Declaração de Santiago do Chile de 1972 apresenta uma nova formulação do conceito de museu, ampliando a percepção de seu papel na sociedade. Ela propõe que os museus sejam vistos em sua função social, entendendo-os, nesse processo de transformação, como ações dinâmicas de mudança social. O museu passa a ter um papel decisivo na educação da comunidade, sendo uma instituição a serviço da sociedade, com o compromisso de atuar por meio de um serviço educativo organizado, cumprindo sua função como espaço de Educação Permanente³.

As Resoluções adotadas em Santiago do Chile recomendam outra formulação conceitual para o museu da América Latina, ao considerar que:

O museu é uma instituição a serviço da sociedade, da qual é parte integrante e que possui nele mesmo os elementos que lhe permitem participar na formação da consciência das comunidades que ele serve; que ele pode contribuir para o engajamento destas comunidades na ação, situando suas atividades em um quadro histórico que permita esclarecer os problemas atuais, isto é, ligando o passado ao presente, engajando-se nas mudanças de estrutura em curso e provocando outras mudanças no interior de suas respectivas realidades nacionais (BRASIL, 2013a: 101).

Conforme define a Resolução, em relação ao campo da educação, o museu é agente de Educação Permanente e deve desempenhar esse papel com:

1) Um serviço educativo deverá ser organizado nos museus que ainda não o possuem, a fim de que eles possam cumprir sua função de ensino; cada um desses serviços será dotado de instalações adequadas e de meios que lhe permitam agir dentro e fora do museu; 2) Deverão ser integrados à política nacional de ensino, os serviços que os museus deverão garantir regularmente; 3) Deverão ser difundidos nas escolas e no meio rural, através dos meios audiovisuais, os conhecimentos mais importantes; 4) Deverá ser utilizado na educação, graças a um sistema de descentralização, o material que o museu possuir em muitos exemplares; 5) As escolas serão incentivadas a formar coleções e a montar exposições com objetos do patrimônio cultural local; 6) Deverão ser estabelecidos programas de formação para professores dos diferentes níveis de ensino (primário, secundário, técnico e universitário) (BRASIL, 2013a: 103).

Essas premissas, que abordam o museu, sua função social e seu papel como espaço de Educação Permanente, estão, em nosso entendimento, diretamente relacionadas ao pensamento pedagógico de Paulo Freire. Isso ocorre porque é por meio da apreensão do mundo ao redor dos indivíduos que se dá o processo de transformação das consciências, afetando o indivíduo, os grupos

³ Educação Permanente é entendida como forma mais abrangente da educação e se dá na formação integral e contínua do ser humano, ao longo do processo da vida. O referencial teórico-metodológico da Educação Permanente é a problematização da realidade (Gadotti, 2008 (b): 270-272).

A presença na ausência:

Paulo Freire e a Mesa-Redonda de Santiago (Chile), 1972

e a coletividade. O indivíduo é visto como sujeito da ação, e o museu, como um espaço de construção crítica do conhecimento.

O discurso de mudança, alinhado à função do museu, impulsionado pelos debates em Santiago do Chile e formalizado na Declaração de Québec (1984), assim como sistematizado nos princípios da Nova Museologia (1970), enfatiza a tomada de consciência sobre o papel do museu na educação e sua relação com a sociedade que o institui.

Política cultural e educação no Brasil (1960-1980)

No que se refere à política cultural e à educação no Brasil, entre 1940 e meados da década de 1960, o campo cultural foi caracterizado, como destaca Lia Calabre (2009:45), pela fraca presença do Estado, uma vez que a maioria das ações se limitava a regular e dar continuidade às instituições criadas durante a Era Vargas (1930-1954)⁴.

A mudança ideológica na política cultural e no conceito de museus, idealizados nos anos 1930, ocorre entre as décadas de 1960 e 1970. Nesse período, essas instituições começam a ser utilizadas como instrumentos de propagação do discurso oficial do regime antidemocrático instaurado no Brasil após o golpe civil-militar de 1964.

Entretanto, nesse mesmo período, propostas de intervenção no campo cultural e dos museus são apresentadas aliadas ao pensamento internacional, em especial a partir da Mesa-Redonda organizada pela UNESCO em cooperação com o Conselho Internacional de Museus (International Council of Museums - ICOM), em Santiago do Chile, em 1972.

O museu passa a ser visto como um instrumento de desenvolvimento social, sendo agora concebido a partir da perspectiva do visitante. Assim, o foco dos museus se desloca dos estudos das coleções, que eram vistos unicamente como forma de comunicação, para a reflexão sobre sua função social. A educação em museus ocorre por meio de práticas museológicas que interagem e mantêm um diálogo contínuo com o público (Santos, 2007: 58-59).

Na transição dos anos 1970 aos anos 1980 do século XX, o museu é desvinculado do culto ao Estado, a nação e a memória dos abastados sociais, transformando-se em espaço de aprendizado e troca, comprometido com a localidade, os habitantes, e não mais o particular, mas as memórias coletivas. Nesse processo ocorre o rompimento da relação mecânica entre museu e a formação do Estado Nacional (Morais, 2009: 57).

A Declaração de Santiago traz uma crítica interna ao próprio museu e à sua função. Busca-se abandonar o discurso e a forma ideológica dominante, projetando o uso dos recursos da instituição museu para a reflexão sobre a realidade, instigando, assim, sua transformação.

Nos debates internacionais os museus são apresentados como instrumentos de desenvolvimento social, cujas terminologias museológicas, apresentavam aspectos ligados às democracias liberais baseadas nas experiências europeias e estadunidenses. Nesse contexto se apresentam conceitos de museus como: museu integral, patrimônio global e ecomuseu.

No entanto, entre nós, essas ideias se apresentam a partir dos anos de 1980, com a redemocratização, que promoveu significativas modificações na re-

4 O Governo de Getúlio Vargas marcado por dois períodos distintos, o ditatorial (1930-1945) e o democrático (1950-1954).

lação entre profissionais de museus, exposições e público. A partir daí o museu em sua dimensão educacional, como espaço não-formal, processa-se a partir do diálogo com o público e interação com as práticas museológicas de então (Scheiner, 1993: [s/n]).

Conforme assinala Teresa Scheiner (2012:19-23), as recomendações de uma prática museológica voltada ao social, não são originárias e nem exclusivas da Carta de Santiago e, do movimento denominado, Nova Museologia. As premissas apresentadas na Declaração não eram novas, mas uma necessidade colocada pelos profissionais de museu da América Latina, bem antes de 1972. Estas indicações são anteriores aos anos 1960, remonta à criação da UNESCO e do ICOM, em 1945.

O museu como lugar de construção crítica do conhecimento

É sabido que a educação não se restringe à escola, sendo responsabilidade de toda a sociedade (BRASIL, 2010:154-158). De maneira geral, a educação abrange a prática dos meios necessários para a formação e o desenvolvimento dos indivíduos e da sociedade. Saberes, práticas e aprendizado para a leitura do mundo ao nosso redor são fundamentais para a orientação da Educação, que, juntamente com a pedagogia da Educação Museal, permeia a dimensão educacional nos museus (Marandino, 2008:11-15).

Para Moacir Gadotti (2008:11), a complementaridade entre educação não-formal e formal, devido à variedade de formas de educação não escolarizada, enriquece a educação formal ao reforçar modos alternativos de aprendizagem. Nesse contexto, o museu, entendido como um espaço não-formal de educação (Vasconcellos, 2013:29-42), desempenha um papel significativo na formação da cidadania, despertando a consciência por meio do estímulo a questionamentos e pensamentos críticos. Assim como outros espaços culturais, os museus são instituições que fazem referência à memória de um povo e são responsáveis pela preservação dos bens socio-históricos produzidos pela humanidade.

Como instituição de memória, o museu passou por alterações quanto a sua missão, modo de funcionamento ou administração, até chegar à delineada, em 2007, no estatuto do Conselho Internacional de Museus (ICOM), conforme exposto em André Desvallées e François Mairesse (2013:64):

O museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento, e aberta ao público, que adquire, conserva, pesquisa, comunica e exhibe, por questões de estudo, educação e apreciação, evidência material das pessoas e de seu meio.

São espaços de pesquisa, produção de conhecimento, fruição estética e lazer. Seus acervos e exposição de suas coleções contribuem à construção social da memória coletiva, tornando-se instituição didática e conscientizadora à percepção crítica da sociedade. Um espaço autônomo de saberes, fazeres e outras memórias. Lugares de interrogação e reflexão, laboratórios de experimentação de ideias, encontros e transformação, cuja função social é estar a serviço dos indivíduos na interação com seu ambiente social e natural (Varine Apud Chagas, 1996:8).

O museu, nesse sentido, é concebido como um espaço de construção crítica do conhecimento, e não apenas como um elemento de reprodução do

A presença na ausência:

Paulo Freire e a Mesa-Redonda de Santiago (Chile), 1972

que já existe. Ele se configura como um local de interação entre o homem e o objeto/bem cultural, funcionando como um espaço de formação social. São lugares de questionamento e reflexão, cuja função social é servir ao cidadão. São, portanto, laboratórios de experimentação de ideias, encontros e transformação. Com a ampliação da função social dos museus como instituições a serviço da sociedade e a conscientização crítica sobre sua atuação, a educação nesses espaços torna-se permanente, passando a ser objeto de maior atenção. A ação educativa dos museus, como modalidade de educação, se difere da educação escolar, pois não é graduada nem hierarquizada.

Ao contribuir à reflexão e proporcionar experiências diferenciadas do mundo, em seu papel educativo, um campo de estudo que se debruce numa metodologia educativa específica em museus, se apresenta através da Educação Museal,

(...) que pode ser definida como um conjunto de valores, de conceitos, de saberes e de práticas que têm como fim o desenvolvimento do visitante; como um trabalho de aculturação; ela apoia-se notadamente sobre a pedagogia, o desenvolvimento, o florescimento e a aprendizagem de novos saberes (Desvallées; Mairesse, 2013:38).

Os museus apresentam especificidades próprias cuja ação educativa é orientada pela pedagogia museal, esta entendida como: “um quadro teórico que está a serviço da elaboração, da implementação e da avaliação de atividades educativas em um meio museal, atividades estas que têm como objetivo principal a aprendizagem dos saberes” (Desvallées; Mairesse, 2013:39).

Entendemos, assim, que a Educação Museal se situa na interseção entre o museu e a escola, pois a educação, como processo formativo, está inserida nas relações socioculturais e políticas que refletem as formas de organização dos indivíduos e da coletividade em sua interação com os saberes produzidos socialmente. No entanto, cabe salientar que a Educação Museal, como campo do conhecimento voltado à educação nos museus, apresenta suas bases conceituais e terminológicas, as quais lhe dão suporte, em um processo de delimitação e aprofundamento.

Conforme sugere o Programa Nacional de Educação Museal (PNEM), cujo objetivo é refletir as bases para a elaboração de uma Política Nacional de educação Museal para os museus brasileiros, conceitualmente podemos delimitar a Educação Museal como um campo do conhecimento “que se define por iniciativas de educação teoricamente referenciadas e desenvolvidas no âmbito de processos museais” (BRASIL, 2013b:13). Contudo, esta definição ainda não é consenso entre os estudiosos sobre o tema.

Assim, percebemos a Educação Museal como campo de conhecimento orientador das ações educativas dos museus em associação com os demais processos educacionais praticados na sociedade, como parte da formação dos indivíduos e da coletividade, através de metodologias próprias ao campo, que direcione o museu, como um dos instrumentos a serviço da sociedade, na transformação social e espaço da Educação Permanente.

O ideário pedagógico de Paulo Freire e a Declaração da Mesa-Redonda de Santiago (Chile, 1972) – a presença na ausência

Os debates em Santiago do Chile resultaram na constatação de que os museus latino-americanos, como instituições educacionais, culturais e científicas, não eram capazes de responder aos problemas provocados pelo desenvolvimento cultural, social e econômico do continente à época e deveriam se esforçar para desempenhar sua missão social: “permitir ao homem identificar-se com seu ambiente natural e humano em todos os seus aspectos” (Revista Museum, 1973:164).

Na ocasião do evento em Santiago do Chile, a representação brasileira ficou sob responsabilidade da museóloga Lygia Martins Costa (1914-2020), do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) do Rio de Janeiro, que apresentou brevemente a situação dos museus brasileiros à época. Em seu relato, a representante brasileira na Mesa-Redonda de Santiago destacou que um dos defeitos comuns à maioria dos museus brasileiros era a apatia em relação à educação (Sá, 2015:129-146).

Ao assinalar a limitada contribuição educacional dos museus para o país, Lygia Martins Costa destacou que o tema já havia sido discutido no primeiro Congresso Nacional de Museus, realizado pela Comissão Nacional do ICOM em 1956, ocasião em que educadores foram convidados a debater a questão.

A discussão foi retomada em 1958, durante a reunião da UNESCO no Rio de Janeiro sobre educação nos museus da América Latina, e novamente no primeiro Congresso Nacional sobre Museus, realizado em Petrópolis em 1970. Por fim, o tema voltou à pauta na Mesa-Redonda sobre museus latino-americanos em Santiago do Chile (Costa, 2002:40). Entretanto, a museóloga brasileira encerra seu relato, mas não aprofunda a análise sobre a indiferença dos museus em relação à educação.

Hugues Varine-Bohan, então diretor do ICOM (1965-1974), em seu discurso de abertura da Mesa-Redonda sobre a importância e o desenvolvimento dos museus contemporâneos, destacou o valor da educação na formação dos indivíduos. Ele não se referia à educação escolar ou universitária, frequentemente limitadora, mas à educação como instrumento de libertação, onde o indivíduo se torna sujeito na construção de novos valores para si mesmo e para a sociedade. Nesse contexto, o museu ocupa um lugar privilegiado, pois os objetos em exposição permitem que o visitante se torne, mais facilmente do que em outros espaços, sujeito e agente de sua própria história (Varine-Bohan, 2012:114).

Para César Picón Espinoza, Diretor-Geral de Educação Escolar e Vocacional do Ministério da Educação, Lima (Peru) a época e, na ocasião, coordenador da mesa que debateu o tema Museu e Educação Permanente, na Mesa-Redonda de Santiago do Chile, ao discutir o papel dos sistemas educacionais na América Latina, em relação aos museus, ressaltou que:

O objetivo fundamental de um museu é desempenhar uma função educacional que não tem sido observada na prática. Um museu deve despertar a curiosidade de seus visitantes e estimular seu interesse. Se o único objetivo do museu for o de expor objetos, ele deve apresentá-los de uma maneira que os humanize, expondo-os em um contexto vivo e dinâmico e não apenas como algo pertencente ao passado, mas basicamente como algo do presente e do futuro e estreitamente relacionado à vida do homem e à civilização que o originou (Espinoza, 2012:136).

A presença na ausência:

Paulo Freire e a Mesa-Redonda de Santiago (Chile), 1972

A noção de museu como ferramenta de desenvolvimento, a de função social do museu, bem como, a de responsabilidade “política” do museólogo, são resultados das reflexões acionadas pelos debates em Santiago do Chile em 1972 (Varine-Bohan, 2012:144).

Em relação à participação de Paulo Freire no evento voltado a discussão sobre o desenvolvimento e o papel dos museus Latino-Americanos no Mundo Contemporâneo, Hugues de Varine-Bohan, ao refletir sobre suas lembranças em torno da Mesa de Santiago do Chile de 1972, relata que:

Em princípio, o encontro como um todo deveria ser animado, ou “moderado”, por Paulo Freire, o pedagogo brasileiro célebre por sua teoria e seu método de alfabetização conscientizadora. Ele havia, aliás, prometido refletir especialmente sobre uma nova concepção do museu como instrumento a serviço da libertação do homem e do desenvolvimento. Infelizmente, o regime militar brasileiro que havia expulsado Paulo Freire em 1964 depois de tê-lo prendido, vetou a participação desse personagem “subversivo” em uma reunião da Unesco (Varine-Bohan, 2012:140).

A ideia inicial era convidar como palestrante principal Paulo Freire, que à época trabalhava como voluntário na Organização Não-Governamental internacional, o Instituto Ecumênico para o Desenvolvimento dos Povos (INODEP), em que era presidente. Conforme expõe Varine,

A ideia era solicitar-lhe que pensasse o museu como ele pensara a educação (o museu libertador, o novo museu). Infelizmente, a delegação diplomática do Brasil na UNESCO vetou a participação do Paulo Freire e tivemos como palestrante principal o argentino Jorge Henrique Hardoy, especialista em políticas de desenvolvimento urbano (Varine-Bohan, 2014:86).

Hugues de Varine conheceu Paulo Freire durante a criação do INODEP, em Genebra, na Suíça, onde trabalharam juntos entre 1970 e 1971. Na ocasião Varine entra em contato com as ideias de Freire, no campo da educação, que são anteriores a Mesa-Redonda, em trabalhos do educador brasileiro como “Educação com prática da liberdade” (1965), “Pedagogia do Oprimido” (1968) e “Extensão ou comunicação?” (1969). Segundo apontam Alves & Reis (2013:123), é deste contato pessoal e dos livros que, expõem o pensamento do educador brasileiro, “a vontade do historiador e museólogo francês em adaptar as ideias e métodos de Paulo Freire à linguagem museológica e museográfica”.

Foram duas as tentativas de Varine para que isso acontecesse. A primeira foi em 1972, mas não logrou acontecer, pois a participação de Paulo Freire na Mesa-Redonda de Santiago foi rejeitada pelo delegado brasileiro na UNESCO que não permitiu sua convocação. A outra tentativa, também sem sucesso, aconteceu décadas depois, em 1992, no Brasil. Na ocasião Freire em razão das atividades profissionais, não teve como se dedicar aos propósitos de Varine, que tem na obra do educador brasileiro significação ao desenvolvimento do pensamento social do museu (Alves; Reis, 2013:123 e 124).

Conforme exposto em Mario Chagas (1996:9), a convivência em Genebra de Freire com Varine-Bohan, presidente do Conselho Internacional de Museus (ICOM) à época da organização e realização da Mesa Redonda de Santiago, rendeu a Paulo Freire o convite para presidência dos debates. O encontro entre ambos “foi muito importante à Museologia a partir dos anos 1970, no que se refere ao conceito ‘conscientização’ da transformação do homem-objeto em

homem-sujeito” (Alves; Reis, 2013:116). Conscientização e mudança, as marcas do pensamento do educador brasileiro.

No entanto, Vânia Maria Siqueira Alves e Maria Amélia G. de Souza Reis (2013:123 e 124) salientam que, apesar do esforço do então diretor do ICOM, à época do evento que visava discutir o museu e sua função social na América Latina, almejando à interseção entre o ideário educacional de Paulo Freire e a museologia, em relação à importância do pensamento do educador brasileiro voltado ao campo museal⁵, nas discussões sobre museu, educação e desenvolvimento, os documentos e debates que aconteceram no evento em Santiago (Revista Museum, 1973) e a própria Declaração da Mesa-Redonda, ao final, não fazem alusão às ideias ou referência a Paulo Freire.

Cabe salientar que, as propostas e atuação ao desenvolvimento da educação, em especial, na alfabetização de adultos, em meio a tensões políticas e ideológicas, no qual se encontrava o Brasil a partir de 1964, rendeu a Paulo Reglus Neves Freire o exílio, primeiro na Bolívia (setembro a novembro daquele ano) e, em seguida no Chile, onde permaneceu até 1969.

No Chile Freire trabalhou no Instituto de Pesquisa e Treinamento em Reforma Agrária e no Escritório especial para a Educação de Adultos, lecionando na Universidade Católica e como consultor do escritório regional da UNESCO, ambas as instituições em Santiago. Ao transferir-se para os EUA, lecionou em Harvard até 1970 e, em Genebra, atuou como consultor do Departamento de Educação do conselho Mundial das Igrejas. Ao retornar ao Brasil em 1980, lecionou na PUC-SP e na Unicamp, assumindo a Secretaria de Educação do Município de São Paulo em 1989, onde permaneceu até 1991 (Beisiegel, 2010:15).

O contexto político no Chile, durante o período em que Paulo Freire permaneceu no país, foi marcado por significativas diferenças em relação ao Brasil. Sob o governo de Eduardo Nicanor Frei Montalva (1964-1970) e, posteriormente, de Salvador Allende Gossens (1970-1973), o Chile vivia um cenário político distinto, com o sistema socialista liderado por Allende durante a Mesa-Redonda de Santiago. Esse momento contrastava com a realidade de boa parte dos países da América Latina, que se encontravam sob regimes autoritários⁶. À época, o Chile destacava-se por garantir ampla liberdade de expressão e mobilização, condições estimuladas pelo governo vigente. No campo educacional, o Chile também se diferenciava, com investimentos significativos em sistemas de alfabetização. Desde 1965, ainda no governo de Frei Montalva (1911-1982), o método de educação popular utilizado nos programas oficiais chilenos baseava-se nas teorias de Paulo Freire, que, embora exilado, permanecia em plena atividade reflexiva no país (Alves; Reis, 2013: 120-121).

A ditadura civil-militar, instaurada em 1964, representou um momento da história brasileira que foi marcado pela violação dos princípios básicos da democracia. Conforme assinala Carlos Nelson Coutinho (2011, p.63), o período é marcado como a época da cultura esvaziada, resultado da confluência da censura/repressão com as tradições “intimistas”⁷/neutralizadoras, que se dá mais

5 Museal (substantivo) designa o campo de referência no qual se desenvolvem não apenas a criação, a realização e o funcionamento da instituição museu, mas também a reflexão sobre seus fundamentos e questões. Cf.: DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013:54.

6 À época na América Latina, os países que se encontravam sob governos militares: Paraguai (1954-1989); Brasil (1964-1985); Peru (1968-1980); Panamá (1968-1989); Guatemala (1970-1985); Bolívia (1971-1985); entre outros.

7 A expressão “intimismo a sobra do poder”, foi cunhada Georg Lucács (1885-1971), filósofo húngaro, usando um termo de Thomas Mann (1875-1955), para designar os casos onde intelectuais se beneficiam da

A presença na ausência:

Paulo Freire e a Mesa-Redonda de Santiago (Chile), 1972

intensamente entre 1969 e 1973, levando a marginalização dos movimentos nacional-populares, visando à remoção do pluralismo da vida cultural brasileira. Paulo Freire foi um dos primeiros intelectuais a questionar a pedagogia oficial, o que resultou em perseguição e exílio por discordar dos modelos impostos para a educação brasileira no contexto político da época. Durante seu exílio no Chile (1964-1969), Freire intensificou os estudos e reflexões sobre os processos educativos, culminando na publicação dos livros “Educação como Prática da Liberdade” (1965) e “Pedagogia do Oprimido” (1968) (Gadotti, 2008(a): 30-31).

“Educação como prática da liberdade” traz reflexões que pode ser entendida como uma avaliação crítica de suas experiências no campo da educação como exercício crítico do educador sobre as condições da existência popular, como formação da personalidade democrática e como exercício da democracia, na relação entre educação e liberdade. Freire sistematiza em suas reflexões a importância da educação no processo de conscientização, colocando a educação como um momento do processo de humanização, onde o saber tem papel emancipador (Gadotti, 2008 (a):32-33).

Paulo Freire fundamenta suas reflexões filosóficas e sua ação pedagógica na relação entre o homem, a educação e a sociedade, entendendo o ser humano como sujeito da ação e um ser de relações, aberto ao mundo. Esse sujeito dialoga constantemente com outros homens, com sua circunstância e com o “Criador”, distinguindo o ontem do hoje e do amanhã, o aqui e o ali. Ele mantém uma relação com o mundo natural, que não é criação sua, mas ao qual confere significados que variam ao longo da história, e com o mundo da cultura, que é criação humana. Esse processo de transformação das consciências afeta o indivíduo, os grupos e a coletividade. Freire propõe uma pedagogia libertadora, comprometida com a transformação social, que, conforme expõe Moacir Gadotti (2008:34), “é, primeiramente, ‘tomada de consciência da situação existencial’ e, imediatamente, práxis (ação mais reflexão), social, engajamento e autocrítica”.

Em “Pedagogia do Oprimido”, Paulo Freire aprofunda as reflexões sobre a libertação dos indivíduos em situações de opressão, explorando as manifestações desse processo nas concepções de educação e no diálogo entre os homens. Em suas reflexões, Freire consolida suas concepções pedagógicas com uma perspectiva de classe mais evidente, fazendo uma crítica radical à pedagogia capitalista, que ele denomina de “bancária”. Essa pedagogia é caracterizada como um ato que nega a reflexão e o diálogo entre os sujeitos no processo educativo (Gadotti, 2008(a):34).

Mas como podemos inferir sobre a presença do ideário educacional de Paulo Freire na Declaração de Santiago do Chile de 1972, apesar de sua ausência nos debates sobre o papel social do museu na América Latina?

Uma das possibilidades de identificar a presença do pensamento de Paulo Freire na Declaração de Santiago, no debate sobre o papel social dos museus latino-americanos, é apresentada no trabalho “Paulo Freire e a Mesa Redonda de Santiago: Declaração de uma Influência”, exposto pela museóloga e pedagoga Máira de Oliveira Dias durante o 5º Fórum Nacional de Museus, realizado em Petrópolis, RJ, em 2012. O evento buscou refletir sobre os 40 anos da Mesa de Santiago do Chile. No estudo, destaca-se que, embora Freire não faça referência específica aos museus em suas obras, ele utiliza com frequência o termo “ação cultural” para se referir às atividades culturais, relacionando-o a temas como

proximidade com o Poder. São intelectuais cooptados que, de forma indireta, atuam na apologia do regime oficial que os mantém e do Estado ao qual está ligado (Coutinho, 2011:21).

memória e patrimônio. No entanto, não aborda essas questões de forma direta no que diz respeito aos museus (Dias, 2014:181).

No aludido estudo é salientado que Paulo Freire não faz referência específica a museus em seus livros. No entanto, utiliza com frequência o termo “ação cultural” para as atividades da cultura, relacionando igualmente temas como a memória e o patrimônio, entretanto não os abordou de forma direta no que diz respeito ao museu (Dias, 2014:181).

Para demonstrar a influência das ideias de Paulo Freire na Mesa Redonda de Santiago, a autora destaca que, a “agenda de valores” para uma educação empoderadora, de Ira Shor⁸ (*Empowering Education*, 1992) é significativa. Dos onze princípios estabelecidos por Shor (participativo, afetivo, crítico/problematizador, contextualizado, multicultural, dialógico, dessocializador, democrático, investigativo/pesquisador, interdisciplinar, ativista), que segundo Maíra Dias (2014:182), permeia o ideário educacional de Paulo Freire, a mesma escolheu três (o contextualizado, o multicultural e o crítico) para a análise apresentada.

Em relação ao princípio contextualizado, este se apresentaria logo no início da Declaração de Santiago, nos “Princípios de Base do Museu Integral”, segundo aponta a museóloga (Dias, 2014:182), há a preocupação com a contextualização da proposta. O destaque está na presença de “animadores” e na tomada de “consciência”, bem como, a atenção voltada à realidade que envolve os problemas sociais e o papel dos museus na América Latina. Segundo a autora podemos entender aqui como uma “leitura de mundo”, conforme denominava Freire, ao considerarem “que os problemas da sociedade contemporânea são devido às injustiças”.

Para Freire, o contexto, a realidade onde os sujeitos encontram-se imersos, atravessa pela *práxis* cada ação, esta entendida como “reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo” (Freire, 2005:42). É o saber produzido da experiência prática e a leitura de mundo, na forma de ler a realidade, no contexto em que o indivíduo está imerso (Freire, 2003:71).

Quanto ao pensamento multicultural, a autora destaca que este se encontra em fragmentos da Declaração, tais como:

Os problemas colocados pelo progresso das sociedades no mundo contemporâneo devem ser pensados globalmente e resolvido em seus múltiplos aspectos; que eles não podem ser resolvidos por uma única ciência ou por uma única disciplina; que a escolha das melhores soluções a serem adotadas e sua aplicação não devem ser apanágio de um grupo social, mas exigem ampla e consciente participação e pleno engajamento de todos os setores da sociedade (Dias, 2014:182).

Na dimensão do pensamento de Paulo Freire, o multicultural resulta dos exercícios da relação de diálogo entre educando e educar, da relação da dife-

8 O encontro de Ira Shor e Paulo Freire se deu em Amherst College, Massachusetts (EUA), quando o educador brasileiro encontrava-se fazendo residência na Universidade de Massachusetts, no início dos anos de 1980. Neste, Ira propôs um livro-diálogo em fevereiro de 1984. Depois foram várias reuniões em Ann Arbor, em março, e em Nova Iorque, em maio, para repassar a agenda das questões sobre as quais debateriam. Depois, em julho, em Vancouver, onde Paulo ministrava um seminário sobre Educação Adulta, na Universidade de British Columbia. Em Vancouver durante oito dias em sessões que duravam três horas cada uma, as conversas foram gravadas e, em seguida, Ira levou as fitas para Nova Iorque e preparou a transcrição. Reuniram-se novamente durante dois fins de semana em Amherst, em fevereiro e março de 1985, para editar o manuscrito e gravar mais algumas ideias. Depois, Ira esboça uma transcrição, e em dois momentos, em julho de 1985, encontraram-se em Massachusetts, para terminar de editar o manuscrito que resultou no livro “Medo e ousadia – O cotidiano do professor”. Cf: Agradecimentos, Ira Shor / Paulo Freire. Setembro de 1985. In: Freire; Shor, 1986.

A presença na ausência:

Paulo Freire e a Mesa-Redonda de Santiago (Chile), 1972

rença, e do entendimento do homem como um ser de “relações num mundo de relações”. É o multiculturalismo que se expressa nas sociedades, caracterizadas pela pluralidade cultural, étnica, identitárias, com padrões culturais próprios e socioeconômicos. Abrange as formas pelas quais os diversos campos do saber incorporam a sensibilização a esta diversidade em suas formulações, representações e práticas (Freire, 1992: 39 Apud Souza, 2010: 279-280).

Assim também se apresenta o princípio da criticidade, que segundo Maíra Dias encontra-se em diferentes momentos na Declaração, em especial a palavra “consciência” que aparece em várias ocasiões ao longo do documento de Santiago:

O museu é uma instituição a serviço da sociedade, da qual é parte integrante e que possui nele mesmo os elementos que lhe permitem participar na formação da consciência das comunidades que ele serve; que ele pode contribuir para o engajamento dessas comunidades na ação, situando suas atividades em um quadro histórico que permita esclarecer os problemas atuais, isto é, ligando o passado ao presente, engajando-se nas mudanças de estrutura em curso e provocando outras mudanças no interior de suas respectivas realidades nacionais. Ou ainda quando afirma que “a transformação das atividades dos museus exige a mudança progressiva da mentalidade os conservadores e dos responsáveis pelos museus assim como das estruturas das quais eles dependem” (Dias, 2014: 182 e 183).

A abordagem problematizadora, a criticidade, como caminho a conscientização, a aprendizagem e a libertação. É a criticidade que conduz a aproximação da realidade de forma crítica. Para Paulo Freire, o questionamento crítico é elemento-chave na aprendizagem, pois é “força criadora do aprender de que fazem parte a comparação, a repetição, a constatação, a dúvida rebelde, a curiosidade não facilmente satisfeita” (Freire, 2002: 28).

Ao finalizar o artigo, Maíra de Oliveira Dias sugere que Paulo Freire se faz presente na Mesa-Redonda de Santiago não apenas como um princípio, mas também como um ideário educacional voltado para a tomada de consciência, além de ser potência e condutor na produção do conhecimento. Ao buscar uma aproximação do pensamento freiriano e a relação que ele estabelece com a Declaração de Santiago do Chile, a museóloga e pedagoga nos leva a refletir sobre o compromisso dos museus com a realidade que se apresenta, assim como sobre o papel que devem ocupar na contemporaneidade.

Considerações

Ao longo da exposição procuramos esboçar a presença do pensamento do educador Paulo Freire na Declaração de Santiago, que buscou refletir sobre o desenvolvimento e o papel dos museus Latino-Americanos no Mundo Contemporâneo diante das realidades regionais periféricas, apesar do impedimento de participar do evento na ocasião dos debates.

A conjuntura que provocou os debates em torno do museu como instrumento de mudança social surgiu da constatação de que, na América Latina, essas instituições não respondiam adequadamente aos problemas gerados pela conjuntura social, cultural, política e econômica da região. Nesse contexto, as instituições museológicas, como espaços de Educação Permanente, deveriam engajar-se ativamente para cumprir sua missão social, que é possibilitar a interação entre os indivíduos, suas comunidades e os meios social e natural.

O pensamento de Paulo Freire, quando relacionado ao campo museológico e à Educação Museal, nos auxilia a repensar o museu em seu compromisso com a realidade latino-americana, especialmente a brasileira. As contribuições de Freire para a Educação Museal são apreciáveis. Dentro de seu ideário educacional, destacam-se como orientadores para este campo a contextualização da realidade, que possibilita a produção do saber por meio da experiência prática e da leitura de mundo, no contexto vivido pelo indivíduo. Além disso, o princípio do multiculturalismo, que surge das relações dialógicas entre os indivíduos e com o mundo, envolve a sensibilização para os diversos campos do saber, considerando a diversidade em suas formulações, representações e práticas. Outro aspecto fundamental é o princípio da criticidade, que conduz à conscientização, à aprendizagem e à libertação.

Os princípios educacionais de Paulo Freire, quando aplicados à Educação Museal, acionam uma tomada de consciência, além de serem potentes e disseminadores da produção de conhecimento. Essa conscientização nos leva a refletir sobre o compromisso dos museus com a realidade que se apresenta, bem como seu papel na contemporaneidade como agentes da Educação Permanente e espaços para o desenvolvimento sociocultural dos indivíduos e dos grupos na sociedade. Segundo Paulo Freire (1980 e 1981), a conscientização envolve um desenvolvimento crítico da tomada de consciência, permitindo desvelar a realidade. Esse processo ocorre no nível do conhecimento, em uma postura epistemológica definida, que também inclui elementos de utopia. O ideário de Paulo Freire, na orientação da prática educativa nos museus e em qualquer outro espaço de sociabilidade, deve ser utilizado para pensá-lo em conjunto com a sociedade.

Embora não faça referência direta a Paulo Freire, a Declaração de Santiago, como destaca Teresa Scheiner (2012:23-24), não é neutra e apresenta um posicionamento ideológico. Em seu contexto, estão presentes as concepções freirianas, seja nas organizações chilenas que adotaram a metodologia educacional de Freire, seja no pensamento de Hugues de Varine-Bohan. Nesse sentido, a Carta de Santiago torna-se, conforme aponta Scheiner, um documento de importância teórica para a Museologia, integrando reflexões que fundamentam os estudos no campo. Por isso, pode ser efetivamente considerada uma das matrizes da teoria museológica.

Assim, as relações entre as reflexões de Paulo Freire e a Mesa-Redonda de Santiago do Chile, “a presença na ausência”, conforme sugerido no título do artigo, embora não sejam apresentadas de forma explícita, se delineiam, em nosso entendimento, através do relato de Hugues de Varine. Varine-Bohan (Apud CHAGAS, 1996:8) que destaca a importância da influência do pensamento freireano na formulação das concepções museológicas e na necessidade de sua aplicação à museologia. A partir da percepção do processo de transformação do homem-objeto em homem-sujeito, o museu deve se assumir como uma instituição didática e conscientizadora, com a função social de estar a serviço da sociedade.

Como exposto por Maíra de Oliveira Dias (2014:180-183), o pensamento de Paulo Freire nos orienta a questionar os aspectos que precisam ser repensados nos museus da América Latina, especialmente no Brasil, naquilo que diz respeito ao compromisso desses museus com a realidade social que os circunda. O museu deve ser entendido não mais como um simples simulacro da realidade, mas como um agente da Educação Permanente, atuando na mudança

A presença na ausência:

Paulo Freire e a Mesa-Redonda de Santiago (Chile), 1972

social e no desenvolvimento dos indivíduos, das comunidades e na relação dos sujeitos com sua realidade social, política, cultural e econômica.

Referências

ALVES, Vânia Maria Siqueira; REIS, Maria Amélia G. de Souza. Tecendo relações entre as reflexões de Paulo Freire e a Mesa-Redonda de Santiago do Chile, 1972. In: *Revista Eletrônica do PPG-PMUS/UNIRIO-MAST*, vol.6, n.º 1, 2013.

BEISIEGEL, Celso de Rui. *Paulo Freire*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. 44ª ed., atualizada e ampliada. São Paulo: Editora Saraiva, 2010.

BRASIL. Legislação sobre Museus. 2ª ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2013 (a). Disponível em: < <http://www2.camara.leg.br/documentos-e-pesquisa/publicacoes/edicoes/paginas-individuais-dos-livros/legislacao-sobre-museus>>. Acesso: 15 mai 2015.

BRASIL. Ministério da Cultura. Instituto Brasileiro de Museus (Ibram). Documento Preliminar do Programa Nacional de Educação Museal. Brasília, 2013 (b). Disponível em: <<http://pnem.museus.gov.br/wp-content/uploads/2014/02/DOCUMENTO-PRELIMINAR.pdf>>. Acesso em: jan. 2016.

CALABRE, Lia. *Políticas culturais no Brasil: dos anos 1930 ao século XXI*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

CHAGAS, Mário. Respostas de Hugues de Varine às perguntas de Mário Chagas. In: *Cadernos de Museologia*, n. 5, p. 5 -11, 1996. Disponível em: <<http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/248/157>>. Acesso: Mai 2015.

COSTA, Lygia Martins. Os museus do Brasil e perspectivas de adaptação ao mundo contemporâneo (1972). In: COSTA, Lygia Martins. *De museologia, arte e política de patrimônio*. Pesquisa: Clara Emília Monteiro de Barros. Rio de Janeiro: IPHAN, 2002, p.37-48.

COUTINHO, Carlos Nelson. *Cultura e sociedade no Brasil: ensaios sobre ideias e forma*. 4ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

COUTINHO, Carlos Nelson. *Intervenções: o marxismo na batalha das ideias*. São Paulo: Cortez, 2006, p.99-121.

CRUZ E SOUZA, Luciana Christina. Museu integral, museu integrado: a especificidade latino-americana da Mesa de Santiago do Chile. In: *Anais do Museu Paulista*. São Paulo, Nova Série, vol. 28, 2020, p.1-21. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1982-02672020v28e4>>. Acesso: abr 2022.

DECLARAÇÃO DE SANTIAGO, 1972. In: Legislação sobre museus. 2ª Ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2013, p.101-108. Disponível em: <<http://www.sistemademuseus.rs.gov.br/wp-content/midia//Legislacao-sobre-Museus.pdf>> Acesso: dez. 2015.

DECLARAÇÃO DE QUEBEC, 1984. In: Legislação sobre museus. 2ª Ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2013, p.109-111. Disponível em: <<http://www.sistemademuseus.rs.gov.br/wp-content/midia//Legislacao-sobre-Museus.pdf>> Acesso: dez. 2015.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François (dir.). *Conceitos-chave de Museologia*. São Paulo: Comitê Brasileiro do ICOM, Pinacoteca do Estado, Secretaria de Estado da Cultura, 2013. Disponível em: <http://icom.museum/fileadmin/user_upload/pdf/Key_Concepts_of_Museology/Conceitos-ChavedeMuseologia_pt.pdf>. Acesso: Nov 2015.

DIAS, Máira de Oliveira. Paulo Freire e a Mesa Redonda de Santiago: declaração de uma influência. In: RELATÓRIO DO 5º FORUM NACIONAL DE MUSEUS (2012:Petrópolis, RJ) – 40 anos da Mesa de Santiago do Chile: entre o idealismo e a contemporaneidade. Brasília/Df: IBRAM, 2014, p.180-183. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2014/12/Relatorio_5FNM_2012.pdf> Acesso em março 2016.

DIAS, Máira de Oliveira. *Paulo Freire e a dimensão educativa dos museus: ideias para orientar a prática*. 2012. 83 f. Monografia (Graduação em Licenciatura em Pedagogia). AVM Faculdade Integrada. Rio de Janeiro, 2012.

DIAS, Máira de Oliveira. “A prática de pensar a prática”: Museologia e Práxis. 2009. 56 f. Monografia (Graduação em Museologia) - Escola de Museologia, UNIRIO. Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: < <http://museologando.blogspot.com.br/p/monografias-para-download.html> >. Acesso: març. 2016.

ESPINOZA, César Picón. Relatório final – Museus e Educação Permanente. In: JUNIOR, José do Nascimento; TRAMPE, Alan, SANTOS, Paula Assunção dos (Org.) *Mesa redonda sobre la importancia y el desarrollo de los museos en el mundo contemporáneo: Mesa Redonda de Santiago de Chile, 1972.* – Brasília: Ibram/MinC; Programa Iberoamericanos, 2012, vol.1, p.133-141.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 47ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 23ª Ed. São Paulo: Cortez, 2002. (Coleção Leitura)

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra Ltda, 1967.

FREIRE, Paulo. *Extensão ou comunicação?* 10ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 45ª ed. São Paulo: Cortez, 2003. (Coleção Questões da nossa época, n. 13). Disponí-

A presença na ausência:

Paulo Freire e a Mesa-Redonda de Santiago (Chile), 1972

vel em: <http://educacaointegral.org.br/wp-content/uploads/2014/10/importancia_ato_ler.pdf>. Acesso: mar. 2016.

FREIRE, Paulo. *Ação Cultural para a liberdade*. 5ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/paulofreire/paulo_freire_acao_cultural_para_a_liberdade.pdf>. Acesso: fev. 2016.

FREIRE, Paulo. *Conscientização: teoria e prática da libertação – uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. Tradução: Kátia de Mello e Silva; Revisão técnica: Benedito Eliseu Leite Cintra. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/paulofreire/paulo_freire_conscientizacao.pdf>. Acesso: Mar. 2016.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. *Medo e ousadia – O cotidiano do professor*. Tradução de Adriana Lopez; revisão técnica de Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. Disponível em: <<http://forumeja.org.br/files/MedoeOusadia.pdf>>. Acesso: fev. 2016.

GADOTTI, Moacir. *A questão da educação formal/não formal*. Suíça: Institut International des Droit de l'enfant (IDE), 2005. Disponível em: <http://www.vdl.ufc.br/solar/aula_link/lquim/A_a_H/estrutura_pol_gest_educacional/aula_01/imagens/01/Educacao_Formal_Nao_Formal_2005.pdf>. Acesso em: fev. 2016.

GADOTTI, Moacir. *Pensamento pedagógico brasileiro*. 8ª ed. São Paulo: Editora Ática, 2008 (a).

GADOTTI, Moacir. *História das idéias pedagógicas*. 8ª ed. São Paulo: Editora Ática, 2008 (b).

GADOTTI, Moacir. *Paulo Freire: uma biobibliografia*. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire; Brasília: UNESCO, 1996. Disponível em: <http://seminario-paulo-freire.pbworks.com/f/unid2_ativ4paulofreire_umabiobibliografia.pdf>. Acesso: març. 2016.

GADOTTI, Moacir. *Paulo Freire: pequena biografia*. Disponível em: <http://www.paulofreire.org/pub/Crpf/CrpfAcervo000031/Vida_Biografias_Pequena_Biografia_v1.pdf>. Acesso març. 2016.

MARANDINO, Martha (Org.). *Educação em museus: a mediação em foco*. São Paulo: Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação Não-Formal e Divulgação em Ciência; FEUSP, 2008. Disponível em: <<http://parquecientec.usp.br/wp-content/uploads/2014/03/MediacaoemFoco.pdf>>. Acesso em: fev. 2016.

MARTINS-COSTA, Lygia. *Museus na América Latina: uma visão Geral – Brasil*. In: JUNIOR, José do Nascimento; TRAMPE, Alan, SANTOS, Paula Assunção dos (Org.) *Mesa redonda sobre la importancia y el desarrollo de los museos en el mundo contemporáneo*: Mesa Redonda de Santiago de Chile, 1972. – Brasília: Ibram/MinC; Programa Iberoamericanos, 2012, vol. 2, p.185-188.

MORAIS, Nilson Alves de. Políticas públicas, políticas culturais e museu no Brasil. In: *Museologia e Patrimônio*, v. 2, n. 1, jan./jun. 2009. Disponível em: <<http://revista-museologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus>>. Acesso Mai. 2015.

MOREIRA, Carlos Eduardo. Verbete criticidade. In: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José. (Orgs.). *Dicionário Paulo Freire*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p. 97-98. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=lwFCCwAAQBAJ&pg=PT502&lpg=PT502&dq=Dicion%C3%A1rio+Paulo+Freire,+pdf&source=bl&ots=n6OUtk7elr&sig=fx_fIDS-uk-so8DINhmUYAN-poQ&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwiVoYrtiajLAhULkpAKHVIiBgsQ6AEIVTAJ#v=onepage&q=multicul&f=false>. Acesso mar. 2016.

REVISTA MUSEUM – ICOM – Vol. XXV, nº3, 1973.

SÁ, Ivan Coelho de. Lygia Martins Costa: narrativa sobre suas contribuições à Museologia e ao Patrimônio. In: *Museologia e Interdisciplinaridade: Publicação eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação*. Universidade de Brasília. Faculdade de Ciência da Informação. Vol. 4, nº8 (2015). Brasília: UnB/PCI, 2015, p. 129-146.

SANTOS, Afonso Carlos Marques dos. *A invenção do Brasil: ensaio de história e cultura*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007.

SCHEINER, Tereza Cristina. Sociedade, cultura, patrimônio e museu num país chamado Brasil. In: *Museus, Museologia, Espaço e Poder na América Latina e no Caribe*. ICOFOM/LAM, 2. Encontro Regional. Quito, 18/23 jul. 1993.

SCHEINER, Tereza Cristina. Repensando o Museu Integral: do conceito às práticas. In: *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum.*, Belém, v. 7, n. 1, p. 15-30, jan-abr, 2012.

SOUZA, João Francisco de. Verbete multiculturalismo. In: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José. (Orgs.). *Dicionário Paulo Freire*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p. 279-282. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=lwFCCwAAQBAJ&pg=PT502&lpg=PT502&dq=Dicion%C3%A1rio+Paulo+Freire,+pdf&source=bl&ots=n6OUtk7elr&sig=fx_fIDS-uk-so8DINhmUYAN-poQ&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwiVoYrtiajLAhULkpAKHVIiBgsQ6AEIVTAJ#v=onepage&q=multicul&f=false>. Acesso mar. 2016.

VARINE-BOHAN, Hugues. *As raízes do futuro: o patrimônio a serviço do desenvolvimento local*. Trad. Maria de Lourdes Parreiras horta. Porto Alegre: Medianiz, 2012.

VARINE-BOHAN, Hugues. Discurso pronunciado na biblioteca nacional pelo Senhor Hugues de Varine - Bohan, diretor do Icom, por ocasião da inauguração da sobre a importância e o desenvolvimento dos museus no mundo contemporâneo. In: JUNIOR, José do Nascimento; TRAMPE, Alan, SANTOS, Paula Assunção dos (Org.) *Mesa redonda sobre la importancia y el desarrollo de los museos en el mundo contemporáneo: Mesa Redonda de Santiago de Chile, 1972.* – Brasília: Ibram/ MinC; Programa Iberoamericanos, 2012, vol 1, p. 114.

A presença na ausência:

Paulo Freire e a Mesa-Redonda de Santiago (Chile), 1972

VARINE-BOHAN, Hugues. A museologia se encontra com o mundo moderno. In: JUNIOR, José do Nascimento; TRAMPE, Alan, SANTOS, Paula Assunção dos (Org.) *Mesa redonda sobre la importancia y el desarrollo de los museos en el mundo contemporáneo*: Mesa Redonda de Santiago de Chile, 1972. – Brasília: Ibram/MinC; Programa IberoMuseos, 2012, vol 1, p.142.

VARINE-BOHAN, Hugues. Conferência III - Homenagem aos 40 anos da Mesa de Santiago no Chile. In: RELATÓRIO DO 5º FORUM NACIONAL DE MUSEUS (2012: Petrópolis, RJ) – 40 anos da Mesa de Santiago do Chile: entre o idealismo e a contemporaneidade. Brasília/Df: IBRAM, 2014, 185-188. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2014/12/Relatorio_5FNM_2012.pdf> Acesso em mar. 2016.

VASCONCELLOS, Maria das Mercês Navarro. Educação em museus: qual é a especificidade deste campo? Qual é a importância de se respeitar de forma rigorosa suas especificidades? In: *Ensino em Re-Vista*. Uberlândia, v.20, n.º 01, jan/jun, 2013. Universidade Federal de Uberlândia. Faculdade de Educação/Edufu, p.29-42.

Recebido em dezembro de 2024.

Aprovado em agosto de 2025.